



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA -
UFSC CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO - CED
CURSO DE PEDAGOGIA**

MARIA HELENA SOUZA DE PAULA

**PRODUZIR E CONTAR HISTÓRIAS PARA A FORMAÇÃO DO LEITOR DOS ANOS
INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: *A BELA ILHA DO CAMPECHE /SC***

**FLORIANÓPOLIS –
SC 2020**

MARIA HELENA SOUZA DE PAULA

**PRODUZIR E CONTAR HISTÓRIAS PARA A FORMAÇÃO DO LEITOR DOS ANOS
INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: *A BELA ILHA DO CAMPECHE /SC***

**Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Curso
de Pedagogia da Universidade Federal de Santa Catarina
(UFSC) para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia.
Orientadora: Prof.^a. Dr.^a Eliane Santana Dias Debus**

**FLORIANÓPOLIS –
SC 2020**

MARIA HELENA SOUZA DE PAULA

**PRODUZIR E CONTAR HISTÓRIAS PARA A FORMAÇÃO DO LEITOR DOS ANOS
INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: A BELA ILHA DO CAMPECHE /SC**

**Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do grau
de Licenciado em Pedagogia, e aprovado em sua forma final pelo Centro de
Ciências da Educação da Universidade Federal de Santa Catarina.**

Florianópolis, 15 de dezembro de 2020.

**Prof.^a Dr.^a Jocemara Triches
Coordenadora do Curso de
Pedagogia**

Banca Examinadora:

**Prof.^a Dr.^a Eliane Santana Dias Debus
Orientadora
(MEN/CED/UFSC)**

**Prof.^a Dr.^a Lilane Maria de Moura Chagas
Avaliadora
(MEN/CED/UFSC)**

**Prof.^a Ma. Simoni Conceição Rodrigues Claudino
Avaliadora
(Professora da Rede Municipal de Florianópolis)**

**Prof.^a Ma. Thayse da Costa Machado
Suplente
(Professora da Rede Municipal de Florianópolis)**

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, essa força maravilhosa da natureza por estar aqui hoje!

Agradeço à minha família, minhas filhas Helen, Yasmin e Isabela, que são estímulos constantes na minha vida.

Agradeço ao meu companheiro Ademir Abdu Junior por todo o incentivo, apoio e companheirismo em todos os momentos, sempre acreditou no meu potencial e isso foi importantíssimo para que eu continuasse seguindo minhas escolhas.

Agradeço à minha mãe Elenyr de Souza, que sempre me proporcionou o melhor que pode em todos os momentos, e me incentivou a continuar meus estudos sempre.

Agradeço ao meu Pai João Batista (em memória), que certamente se orgulharia de mim.

Minhas tias Edna de Souza Mazia e a Zenilda Moraes de Paula, que não imaginam o quanto me auxiliaram e incentivaram neste novo projeto pessoal; aos demais amigos e parentes por compreenderem minhas ausências.

Agradeço as minhas grandes amigas: Juliana Quiroga, Maria Helena A. Alonso e Otilia F. Carvalho que me apoiaram e fizeram parte dessa longa caminhada comigo e que sempre me ajudaram de todas as formas que podiam.

Agradeço às amigas que fiz durante o curso de Pedagogia (UFSC) em diferentes fases, carregarei cada uma de vocês no meu coração.

Agradeço a amiga que este tema de TCC me presenteou e apresentou, me auxiliou, incentivou e guiou para a preparação do pré-projeto, com os primeiros passos deste trabalho, querida Lídia Coutinho.

Agradeço a minha querida amiga Caroline Saldanha pelas palavras serenas nos momentos certos e pela excepcional ajuda na revisão e formatação do texto, contribuindo em muito para a realização deste trabalho se tornar possível.

Agradeço a minha orientadora Prof.^a Dr.^a Eliane Debus, que desde o início aceitou o meu tema de pesquisa, agradeço a paciência durante o momento da

minha escrita e por todos os aprendizados.

Agradeço a todos os meus professores da graduação por tudo, em especial ao Prof. Jeferson Silveira Dantas, Prof.^a Marya Sylvia Cardoso Cordeiro e Prof.^a Carolina Puerto, que nos momentos mais difíceis da minha vida particular, não me deixaram desistir, e me acolheram com muita generosidade. Muito obrigada a vocês!

Aos membros da banca examinadora por aceitarem o convite, como também pelas críticas e sugestões que contribuirão para o enriquecimento deste trabalho.

Quero expressar meus agradecimento a todos aqueles que contribuíram de formas diversas ao longo do percurso da minha graduação, este momento de alegria eu divido com todos!

Prefiro pensar que o contar é arte para ver, ouvir, sentir; arte para um fazer coletivo, arte para ser. De uma coisa estou certo, contar histórias emancipa tanto quem conta, quanto quem ouve. O sujeito ouvinte, e o sujeito leitor. E isso já não basta?!

Celso Sisto

RESUMO:

Este trabalho tem como objetivo geral estudar a contação de histórias com a utilização de recursos, como uma possibilidade de construção de conhecimento da cultura local. Os objetivos específicos são 1) compreender as diferentes possibilidades da contação de histórias como forma de ampliar a formação do leitor e 2) descrever o trabalho de feitura do livro e das estratégias para contar com recursos. Compreendendo a importância das narrativas locais no fortalecimento das próprias raízes culturais da criança no início de sua escolarização, potencializamos a realização deste TCC. A partir do referencial teórico sobre a arte de contar histórias, o presente trabalho dialoga com pesquisadores como Gilka Girardello (2014), Eliane Debus (2006), Celso Sisto (2012), que debatem sobre a arte de contar histórias em diferentes etapas da educação básica. A ação foi realizada no ano de 2018 com uma turma do primeiro ano do ensino fundamental de uma escola da rede particular de ensino, formada de 25 alunos, sendo 14 meninas e 11 meninos. Constatou-se o interesse das crianças pela ação que propiciou espaço para elas se expressarem e aprenderem sobre a cultura local.

Palavras-Chave: Contação de histórias; formação de leitores; recursos.

LISTA DE IMAGENS

Figura 1: Livro <i>A Bela Ilha do Campeche</i>	21
Figura 2: Livro <i>A Bela Ilha do Campeche</i>	21
Figura 3: Livro <i>A Bela Ilha do Campeche</i>	21
Figura 4: A Ilha do Campeche	25
Figura 5: Dos fazeres: processo de criação da maquete da Ilha do Campeche	29
Figura 6: Elementos decorativos	31
Figura 7: Processo de criação da maquete da Ilha do Campeche	32
Figura 8: Maquete pronta	33

LISTA DE ABREVIATURAS

AMAREIAS – Associação de Moradores das Areias do Morro das Pedras

BNCC – Base Nacional Comum
Curricular

CED - Centro de Ciências da Educação

COVID 19 - Doença do Corona vírus

ECA – Estatuto da Criança e Adolescente

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

MEN - Departamento de Metodologia de Ensino

SC – Santa Catarina

TCC - Trabalho de Conclusão de Curso

UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
2. AS ARTES DA ARTE DE CONTAR HISTÓRIAS.....	14
2.1. Construção de recursos para contar histórias da cultura local	20
3. CONTAR HISTÓRIAS E A CULTURA LOCAL: SOBRE A ILHA DO CAMPECHE.....	25
4. QUANDO O LIVRO VIRA LIVRO VIVO.....	36
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	42
REFERÊNCIAS	45

1. INTRODUÇÃO

Quem é a Maria Helena? Mulher e mãe de três lindas meninas: Helen, Yasmin e Isabela; companheira de vida do Abdu; trabalhadora, e nesses últimos anos estudante novamente. Está sendo um desafio viver tudo isso junto e misturado, mas está valendo muito a pena. Chamo-me¹¹ Helena, chamo-me amor, chamo-me mãe. Mais uma entre as Marias deste Brasil. Marias que riem, que sofrem, que batalham. Verdadeiras guerreiras, onças que diante de um cenário completamente adverso lutam a boa luta em um país machista, injusto e assassino, sobrevivem por que outras vidas dependem da sua existência e resistência. Tenho orgulho de ser uma destas Marias, porém, só eu sei os caminhos que percorri para chegar até aqui; só eu sei as marcas, as chagas das batalhas que ganhei e perdi, dos sonhos desfeitos, a ponto de não mais me permitir sonhar. Só eu sei o quanto sofri e o quanto aprendi a sorrir, a ser feliz, e o mais importante, aprendi a sonhar novamente. Hoje sou Maria Helena, mulher, mãe, esposa, micro empresária, cozinheira, futura pedagoga e contadora de histórias!

A vontade de me apropriar sobre a importância da contação de histórias no espaço escolar, em particular para crianças nos anos iniciais do Ensino Fundamental, surgiu no segundo semestre de 2017, durante a quinta fase do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), durante a disciplina de Literatura e Infância, quando, em dupla, fomos solicitadas a criar um projeto interdisciplinar, dialogando com as disciplinas de Geografia, Infância e Ensino com Literatura e Infância, buscando incluir o mesmo espaço geográfico, escolhido na fase anterior na primeira disciplina, tecendo considerações e espaço de criação estético-literário, neste caso em Florianópolis, Santa Catarina (SC).

O local escolhido para os estudos da disciplina de Geografia foi a Ilha do Campeche, pois é um local importante emocionalmente para mim e a minha família. Lá trabalhei em uma temporada de verão, vendendo cangas e outros artigos de praia e foram muitas outras as experiências familiares, pois minha mãe é sócia da Associação Couto de Magalhães de Preservação da Ilha do

¹ Na Introdução do presente trabalho optei por usar a primeira pessoa do singular a fim de contemplar toda a essência do que pretendo transmitir com minha experiência ao produzir este TCC. Ao decorrer das outras sessões, procurei usar a primeira pessoa do plural.

Campeche, desde 2003. Desse modo, as relações efetivas e afetivas me levaram a escolha da Ilha do Campeche.

Após uma pesquisa exploratória em consultas às pessoas que conhecem a literatura para infância produzida em SC e na internet, constatei não haver nenhum livro que trouxesse esse lugar como espaço ficcional ou factual. Foi então sugerido pelo professor da disciplina de Geografia, Orlando Ferreti, a construção de um livro sobre a Ilha do Campeche, para a realização do trabalho interdisciplinar (Literatura e Geografia).

Desse modo, o projeto interdisciplinar teve início com a escrita e elaboração de um livro para infância sobre a Ilha do Campeche, ilustrado pelas minhas duas filhas mais novas, Yasmin e Isabela, de 5 e 9 anos de idade respectivamente, potenciais ouvintes e leitoras do material: *A bela ilha do Campeche*.

Embora a experiência de contar história me fosse familiar, pois sempre gostei de ouvir histórias e contar histórias para minhas filhas, não tinha experiência desse fazer em espaço educativo, assim decidi me preparar para narrar a um grupo diverso a história do livro *A bela ilha do Campeche*. Para isso, preparei-me participando de uma oficina de contação de histórias, que ocorreu na Associação de Moradores nas Areias do Morro das Pedras, AMAREIAS, com a contadora de histórias Vânia Schwenke, juntamente com o curso online Básico de Contação de Histórias da Turma da Tia Tati. Durante a escrita desta monografia fiz também o curso online de Contação de Histórias PAULUS 2020, promovido pela editora Paulus, e tendo como palestrante o professor Ingo Vargas.

Para melhor materializar a história do livro, construí uma maquete da Ilha do Campeche, colocando os elementos geográficos e paisagísticos de flora e fauna que ali existem, ilustrando melhor a história da cultura local, enriquecendo o momento da contação da história.

Essa experiência me incentivou a querer pesquisar de forma mais aprofundada, o potencial da contação de história na docência com alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental, em particular no que diz respeito à ampliação do conhecimento sobre a cultura local, e, por consequência, a formação leitora.

Desse modo, a presente pesquisa de TCC tem como objetivo geral estudar a contação de histórias com a utilização de recursos, como uma

possibilidade de construção de conhecimento da cultura local, para isso desenvolveu-se os seguintes objetivos específicos: 1) compreender as diferentes possibilidades da contação de histórias como forma de ampliar a formação do leitor; 2) descrever o trabalho de feitura do livro e das estratégias para contar com recursos.

Compreendendo a importância, das narrativas locais no fortalecimento das próprias raízes culturais da criança no início de sua escolarização, efetivou-se a realização deste TCC. A partir do referencial teórico sobre a arte de contar histórias, o presente trabalho dialoga com pesquisadoras como Gilka Girardello (2014), Eliane Debus (2006), e do pesquisador Celso Sisto (2012), que debatem sobre a arte de contar histórias em diferentes etapas da educação básica, ato de importância inimaginável nos primeiros anos do ensino fundamental.

Este trabalho é composto de três sessões além da introdução, na primeira será abordada a questão da conexão entre os envolvidos na arte de contar histórias, do contador ao ouvinte, bem como a importância cultural deste momento na educação das crianças, auxiliando em questões como a expressão individual e em grupo, desenvolver a imaginação e formação da identidade delas como sujeitos. Em seguida, exploramos a construção do momento de contação de histórias, trazendo diversos métodos e recursos para a sua efetividade. Entendemos que a apresentação do que diz os documentos oficiais que norteiam o ensino nas escolas brasileiras, se faz necessária uma vez que o profissional não poderá ficar atento ao que prescreve estes documentos, quando pensar em estruturar o momento de contação.

Após a contextualização acerca da contação de histórias, desenvolvemos a segunda sessão, explorando sobre a Ilha do Campeche, um dos focos da proposta trazida pelo presente trabalho, explicando um pouco de sua história e cultura local, bem como possibilidades de interação da criança com a história local. Para tanto, buscamos na teoria bases para priorizar o uso do material concreto (maquete e livro) para a aprendizagem da criança, para isso utilizamos a teórica Maria Montessori, que destacou a importância do material concreto para estimular o desenvolvimento. A terceira sessão consiste em rememoração de ação realizada em uma escola particular de Florianópolis, junto a um grupo de crianças do Ensino Fundamental, e, por fim, a conclusão.

2. AS ARTES DA ARTE DE CONTAR HISTÓRIAS

Partimos da linha de raciocínio de Sisto (2012), no conceito de arte, para a produção deste trabalho, onde concordamos com suas palavras:

Portanto, pensemos no conceito de arte, palavra de origem latina(ars) que significa técnica e/ ou habilidade. Arte, entendida como atividade humana ligada a uma manifestação de ordem estética, é feita por um artista. Isso é o que nos interessa! O artista usa sua percepção, suas emoções, suas ideias para estimular essa mesma tomada de consciência nos seus espectadores. Mas é também a atribuição de significados, tanto pelo artista quanto pelo público, que vai fazer daquele objeto uma obra de arte. E essa atribuição também é um treino, também se cria, se forma, se forja, se desenvolve. (p. 148)

Para seguir com este conceito Sisto (2012) ainda pontua necessidades para serem treinadas, para um melhor êxito na atividade:

Por isso é preciso treinar o público a ver arte na narração oral. A perceber a beleza da construção dos textos, a descobrir as diversas modalidades textuais, a perceber o trabalho autoral por trás das palavras, a perceber que uma história pode ser “armada” de inúmeras formas, a se deliciar com a maneira específica que cada autor tem de dizer as coisas, a descobrir como as experiências humanas podem ser diferentes das nossas e serem boas ou bonitas, a perceber que despertar o interesse e a atenção é uma habilidade também da história e do narrador, a notar como se pode atingir um alto nível de emoção em, apenas, conjugar-se texto, corpo, voz e força. Sim, porque a “força” é que faz toda a diferença! (p.149)

O conceito de infância mudou com o passar dos séculos, variando de acordo com fatores como classe, gênero e cor. Houve uma época na qual adultos e crianças não tinham distinção de papel social (SILVA, 2018). Após diversas mudanças estruturais na sociedade, resultando em avanços, em particular na brasileira, a criança teve seus direitos fundamentados por legislações, como o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). O que antes era apenas privilégio de classe se tornou obrigação social, direitos como segurança, lazer, educação, zelo e abrigo possibilitaram às crianças, ao menos na legislação, qualidade de vida e melhores perspectivas de futuro.

Ainda que estes direitos tenham sido conquistados para uma infância plena e saudável, o reconhecimento da criança como sujeito participativo na sociedade

é deixado de lado. Como destaca Silva (2018):

“É possível perceber, enquanto os direitos das crianças à provisão e à proteção são quase incontestavelmente aceitos pelos adultos, o reconhecimento e o respeito pelo direito à participação encontram resistência e objeção” (p. 151).

Aceitar a criança como sujeito participativo é um fator necessário quando se fala em contação de história, tema deste presente estudo. A criança é capaz, como sujeito, e dentro de seus limites, de participar, aprender e corresponder ao convívio social a partir do contato com os outros.

Independente do motivo, privar a criança de sua participação no meio ao qual está inserida, não lhe dando direito à fala e a ser escutada, é negar um direito fundamental para seu amadurecimento como ser humano. Ainda em ambiente escolar, onde supostamente teriam voz e espaço, nem sempre existe oportunidade de expressão e autonomia (SILVA, 2018, p. 153).

Muitas vezes os primeiros contatos da criança com o mundo é mediado pelo espaço educacional. Em diversos casos é no ambiente escolar que ela tem acesso à outras crianças e adultos além do círculo familiar, bem como objetos didáticos, entre eles tinta, lápis de cor, brinquedos educativos e livros.

No caso do livro, podemos dizer que a biblioteca da escola é o espaço em que a criança adentra o mundo da leitura, em particular a leitura literária, mesmo para aquelas que não leem a palavra escrita, mas se aproximam pela leitura da imagem (ilustrações). Entretanto, é nesse local que se podem encontrar barreiras impedindo seu direito à participação e aprendizado, pois

A pessoa responsável pelo acervo muitas vezes não esta habilitada para tal, executando esta função um professor 'readaptado', com alguma dificuldade de saúde e por isso afastado de suas funções docentes. Na educação infantil, essa constatação é ainda mais gritante: para que biblioteca, se as crianças nem sabem ler?" (DEBUS, 2006, p. 86).

Nas palavras de Debus (2006) a biblioteca é mais do que guarda de livros e a presença de profissional que reconheça o papel da leitura é de fundamental importância para que a mediação da leitura se efetive e resulte no encontro entre leitor e o objeto de leitura.

Como consta no Currículo Base do Território Catarinense, a escola precisa

proporcionar espaço para que a criança conheça, através da contação de histórias, novas culturas, culturas locais e histórias que os mais diversos povos contam por meio de suas narrativas. É importante que a instituição educacional viabilize local seguro e acolhedor para que a criança tenha pleno exercício de seu direito à educação. Assim, a contação de história no espaço escolar - embora possa se dar em qualquer espaço - a organização de um ambiente propício, acolhedor e com acervo, faz-se necessário a fim de mobilizar a criança a se interessar pelo momento que lhe está sendo proporcionado.

O dia a dia escolar poder gerar estresse, conflitos e dificuldades para a criança, por conseqüências, criar barreiras para a imersão na hora de ouvir uma história ou ler um livro. A disposição, padrão de salas de aula, com suas carteiras enfileiradas, nem sempre ajudam nesta ação. Desfazer os protocolos enrijecidos na disposição dos móveis da sala de aula ou a restrição de uso de outros espaços na escola pode ajudar a criar um ambiente acolhedor para a contação. Quando se desfruta de um ambiente próprio, como um palco, ou uma sala específica, fica mais fácil possibilitar a atenção do aluno. Dispor a sala de aula em círculo é uma alternativa bastante comum quando se deseja fugir do cotidiano. Este movimento cria uma atmosfera mais aconchegante e inclusiva, proporcionando tanto ao aluno quanto ao professor visão e interação com todos. Em relação a essa questão Girardello (2014) compartilha que:

Os momentos em que se contam histórias nas salas de aula são como clareiras num bosque, lugares de encontro e de luz. Em meio ao zum-zum das crianças, forma-se um círculo, no fundo da sala, em cima de um tapete ou de almofadas de algodão que passaram a manhã tomando sol no beiral da janela. Com olhos arregalados e risadinhas, as crianças se aconchegam e escutam a voz da moça de jeans ou vestido florido – a professora. Entram na história que ela conta, quase fecham os olhos, feitos estátuas. Mas ao contrário do que parece, elas não estão nem um pouquinho paradas: cavalgam um corcel veloz, ocupadíssimas com aventuras muito longe dali. (p. 9)

Assim, preparar o ambiente visando proporcionar maior conforto e descontração para que as crianças entendam tal momento como aberto e receptivo, estimulando a imaginação e a deixando-a fluir ao decorrer da história. Torna-se essencial ao ato de planejar e executar momento de contação de histórias. Compete ao professor que assumir o papel de contador de história a

tarefa de organizar o espaço de maneira a contemplar esse ato. Para ter a atenção do aluno é interessante que os elementos do ambiente não sejam mais chamativos que a voz e a presença de quem irá contar a história.

Há diversos recursos que podem auxiliar no ato de contar uma história. Ir além da voz e apostar em recursos visuais ao narrar agrega na efetividade da ação e do objetivo proposto, deixando o momento mais atrativo, interessante e descontraído para a criança. Como ressalta Eliane Debus (2006):

Construir um ambiente propício à leitura na própria sala de atividades ou num espaço específico, como biblioteca central, é de fundamental importância ao pensar o exercício literário com as crianças (p. 84).

É importante priorizar um ambiente harmônico para o momento da leitura e contação de histórias. Entretanto, há de se ter em mente a realidade local e a estrutura disponível para tal. Sabemos que as vezes é precário o contexto escolar brasileiro quando o assunto é livros e espaço para literatura.

Dentro das possibilidades, o contador de história formulará um momento com o intuito de fazer a imaginação fluir. Para isso todos os recursos possíveis podem ser adicionados ao ato de narrar, como por exemplo: o quadro, desenhos, efeitos sonoros, fantoches, bonecos e, no caso da experiência base deste trabalho, maquetes.

“A pessoa que conta e a que escuta uma história compartilham da mesma clareira imaginativa durante os minutos que dura a narração. Ainda que as imagens mentais sejam únicas para cada uma, entre ela vibra a centelha de um sentido comum.” (p.83)

Gilka Girardello (2011) nos traz a imagem metafórica da clareira que se abre no exercício do ler e ouvir, diálogo importante, que constrói uma ação imaginativa e compartilhada entre aquele que conta e aquele que ouve. Entre o narrar e o escutar se tece uma rede de saberes.

O ato de contar histórias é um dos movimentos culturais mais antigos que existe, o narrar é uma das artes que envolvem em uma jornada lúdica todos que se dispõem a parar e ouvir um caso do mais velho (aquele/a que tem muito a contar), nos espaços da vida cotidiana fora do espaço escolar, seja pela voz da avó/avô, dos pais; seja no espaço educativo pela voz do professor.

No que diz respeito ao espaço educativo das crianças, a arte de narrar histórias tem um importante papel na educação (SHEDLOCK, 2004). Ao se confrontar com as histórias, a criança, que está naquele limiar entre a imaginação e a realidade, se dispõe a aprender através da conexão estabelecida entre o professor e ela.

O contar histórias vai muito além do educar e letrar, no ato da contação semeia-se o gosto pela leitura, nutrindo o imaginário das histórias que harmonizam e contam sobre a cultura local e familiar.

Ampliam-se as possibilidades de assuntos na contação de histórias, pois ao contar histórias os ouvintes expandem a imaginação ao que lhes é proporcionado através da narrativa. Para algumas crianças, a experiência de ouvir histórias começa em casa, para outras não, e é a escola que proporciona este momento da contação, onde pode ser formado uma roda, e ser contado uma história, como Girardello (2011) bem constata:

[...] A imaginação é para a criança um espaço de liberdade e de decolagem em direção ao possível, quer realizável ou não. A imaginação da criança move-se junto - comove-se - com o novo que ela vê por todo o lado no mundo. Sensível ao novo, a imaginação é também uma dimensão em que a criança vislumbra coisas novas, presente ou esboça futuros possíveis. Ela tem necessidades da emoção imaginativa que vive por meio da brincadeira, das histórias que a cultura lhe oferece, do contato com a arte e com a natureza, e da mediação adulta: o dedo que aponta a voz que conta ou escuta, o cotidiano que aceita (p. 76).

A contação de histórias também possibilita ao ouvinte refletir sobre o que está sendo contado, assim formando um elo entre o contador e o ouvinte, com o qual, muitas vezes, se estabelece um papel de formador de identidades, (trans) formando e contribuindo para a ampliação de novos conhecimentos, aumentando a apropriação de aspectos culturais e tradicionais, pois no ato de contar histórias os ouvintes são conduzidos para o interior da narrativa, onde eles se sentem personagens, conhecendo novos tempos e espaços.

Existem vários livros que podem e devem ser trabalhados em sala de aula para provocar o pensamento crítico nas crianças, pois cada um tem sua subjetividade, sua criação e educação, e no ambiente escolar, tendo que conviver com as atitudes diferentes que cada um, pode-se elaborar formas lúdicas de

trabalhar para que a convivência com o coletivo seja harmoniosa por meio da literatura.

As histórias infantis contadas e recontadas de formas diferentes e com diferentes metodologias, visando a aprendizagem das crianças e a apropriação de novos repertórios culturais, estimula o envolvimento da criança como afirma Simms (2004):

[...] O envolvimento direto na criação da história faz dela uma experiência que acontece no próprio momento em que é contada. Uma história não é uma explicação. Ela é vivida entre quem conta e quem ouve seu eco ressoa muito além de seu conteúdo. O texto sozinho, separado da experiência revitalizadora, até pode ser analisado, mas seu resultado será diferente. Não será transformador. Em outras palavras, a história genuína se manifesta no momento em que é ouvida, quando o ouvinte é arrancado de sua autoconsciência, com a mente pensante mantida em transe pela lógica da narrativa que se desenrola. O significado e o poder da história não se encontram só no conteúdo: ao contrário, eles se desdobram ao longo dos processos dinâmicos de ouvir e recriar (p. 60).

Após a contação de uma história, acontecem reflexões e várias conversas sobre, influenciando a construção e a reconstrução ampliando o senso crítico e promovendo a construção da personalidade.

O ato de contar histórias é também um importante artifício quando se pensa em passar conhecimentos para as novas gerações. Contar uma história sobre um povo ou cultura em si, o que é o foco da discussão que se estende nos próximos tópicos, é um momento de resistência quando se pensa em culturas e saberes que construíram os elementos que hoje desfrutamos em na sociedade.

2.1. Construção de recursos para contar histórias da cultura local

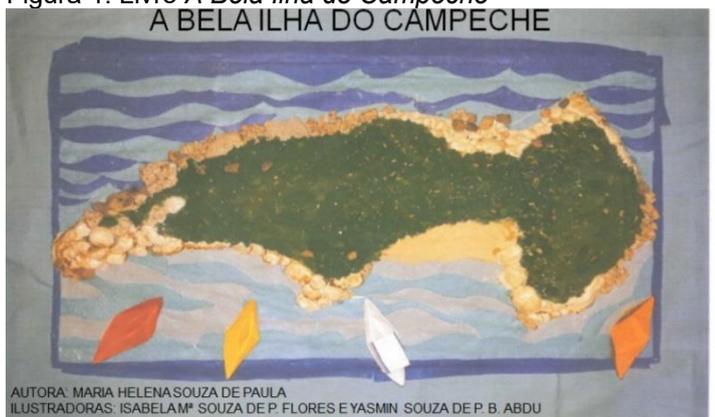
Trazer um conceito de cultura para amparar o presente trabalho é um tanto quanto complexo, defini-la por si só já é um desafio. Pensando em elucidar melhor o que tomamos por cultura local, partimos do pensamento de que a cultura é um fato determinante que assinala e assentua diversos aspectos éticos e sociais essenciais para tornar uma pessoa apta como cidadã política. Segundo este ponto, pode-se dizer que é pela cultura que o indivíduo se insere na sociedade, adquirindo conhecimentos e bagagem cultural necessária para conhecer a si mesmo e seu entorno (EAGLETON, apud. OLIVEIRA; ALVES, 2015).

A cultura é essencialmente importante para a sobrevivência humana no sentido de molde para o qual o indivíduo olha e se espelha, entendendo os eventos passados e suas consequências no presente, e, conseqüentemente, desperta o ser para a consciência de atos e seus efeitos no futuro (EAGLETON, apud. OLIVEIRA; ALVES, 2015).

Objetos e aspectos da vida cotidiada no indivíduo são produtos de uma cultura e através deles pode-se ter acesso à história e conhecimentos passados. Os livros, em especial, são janelas que transportam pessoas de culturas distintas para tempos e civilizações distantes em tempo e espaço.

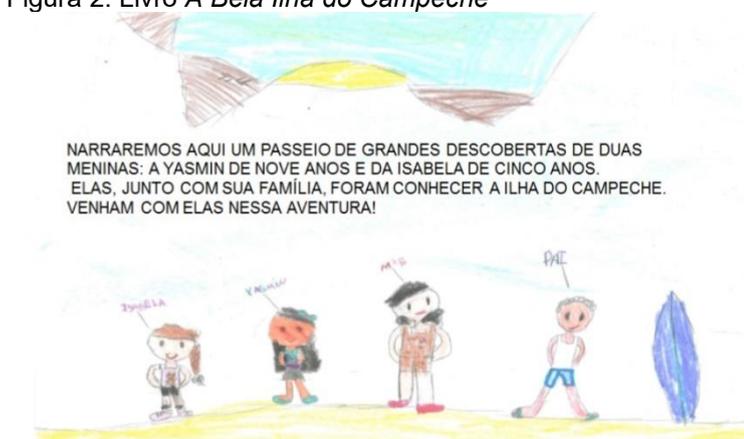
Exposto tais preceitos, e tendo o livro como ponto de partida cultural para o conhecimento das histórias e culturas locais, iremos contar o processo de feitura e a construção do livro: *A Bela Ilha do Campeche*: o primeiro passo foi pensar em qual o público gostaria de atingir: as crianças prioritariamente, após saber o público alvo, foi pensado a história, e os detalhes reais que poderiam ser incluídos na história contada, após o processo da escrita, sugeri que minhas filhas ilustrassem a história contada, e o processo do desenho ficou livre para que cada uma desenhasse o que quizesse e o que elas se lembravam da ilha do campeche, essa etapa dos desenhos durou uns 4 (quatro) dias, e depois juntas escolhemos qual desenho seria para cada parte do texto escrito, concluímos o texto e as ilustrações, digitalizei as páginas e imprimi um exemplar de modelo e utilizei ele nas apresentações das contações da história da *Bela Ilha do Campeche*. A seguir algumas imagens do livro e das ilustrações:

Figura 1: Livro *A Bela Ilha do Campeche*
A BELA ILHA DO CAMPECHE



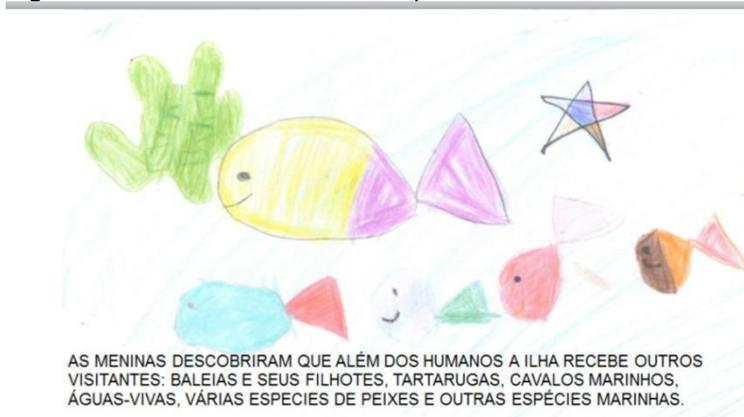
Fonte: Acervo particular da pesquisadora

Figura 2: Livro *A Bela Ilha do Campeche*



Fonte: Acervo particular da pesquisadora

Figura 3: Livro *A Bela Ilha do Campeche*



Fonte: Acervo particular da pesquisadora

O ato de contar histórias pode ser incrementado com várias alternativas de recursos para auxiliar na sua materialização, e para estimular a imaginação, trabalhando em conjunto com diversas ideias, tais como: o tom da voz na

contação, induzindo os ouvintes a imaginarem e entenderem pela entonação o sentimento do personagem, sendo esse talvez o primeiro recurso, para o envolvimento com a história. A arte de contar histórias, por mais que possa ser exercida por qualquer um que queira se conectar com o que é transmitido oralmente, requer algumas habilidades que vão além do puro ato de falar. São estabelecidos alguns métodos e recursos importantes para que a experiência seja frutífera para todos os envolvidos.

Ainda é bastante comum nas escolas a contação de histórias com objetivo de trazer um conteúdo específico (SILVA, 2018, p, 208), muitas vezes executada de maneira desleixada ou sem intenção de interagir com a imaginação da criança. Na contação de histórias o contador tem que mergulhar na história como se estivesse vivendo ela, para assim empolgar os ouvintes, pois a magia do contar histórias está também na oralidade do contador. Para ser um contador, é importante que se tenha em mente alguns princípios essenciais como autoconhecimento, empatia e observação do outro e imaginário aberto (SISTO, 2012).

Segundo Celso Sisto (2012), em sua obra *Textos e Pretextos*, há treze elementos com os quais se podem garantir o sucesso de um contador de histórias. São eles: a emoção; o texto; a adequação; o corpo; a voz; a espontaneidade e naturalidade, o ritmo; o clima; a memória; a credibilidade; a pausa e silêncios, e por fim a estética. Cada um desses elementos atuam individualmente e ao mesmo tempo se entrelaçam, sendo assim, exige daquele que vai preparar a contação de história um olhar cuidadoso.

Da oralidade das narrativas populares às histórias registradas por meio da escrita, a arte de narrar, é fomentada por um repertório diverso. E, por outro lado, ao longo das histórias, as mudanças da oralidade à escrita, levaram à necessidade do contador se adaptar às novas formas de contar, se inovando e reformulando, descobrindo novos estilos narrativos (SISTO, 2012).

Antes de começar a contação, é importante que se estabeleça um clima prévio, através de uma conversa, de exercícios de relaxamento, adequação e exploração do ambiente, entre outros, para só assim abrir as portas do imaginário daqueles que ouvem e também de quem conta. ORTIZ (2004)

[...] O narrador trabalha com certos materiais muito delicados, e é

por essa razão que, quando se põe a contar diante do público, tem uma série de responsabilidades para com o conto, para com as pessoas que escutam e para consigo mesmo (p.105)

É responsabilidade do contador de histórias, no que diz respeito à narrativa, desde a carga cultural do que está sendo passado até a adequação do momento e conteúdo narrativo específico. O processo de apropriação e narração da história partindo de uma obra literária requer uma série de recursos que auxiliarão na contação inserindo o espectador ouvinte em uma atmosfera entre mundos (mundo real e da fantasia) fazendo-o compenetrar na história absorvendo o que lhe está sendo contado.

A formação do aluno no que compete à leitura e formação de textos passa diretamente pelo momento introdutório do ouvir um conto e se apropriar do objeto narrado (livro) a partir do interesse gerado neste ato de conexão professor-livro- aluno. Para tanto, convém direcionar a atenção em como trazer a história de maneira a prender a atenção de quem ouve. A melhor solução quanto a esta questão reside em oferecer ao público ouvinte postura física e emocional de acordo com a mensagem que se quer passar (ORTIZ, 2004).

De fato, narrar uma história é mais complexo que encenar, é diferente de uma peça teatral, por exemplo. Cabe ao narrador executar todos os elementos da narrativa com expressividade, trabalhando e criando entonações, prendendo as atenções através de gesticulação e movimentação na medida certa (SHEDLOCK, 2004).

Tânia Rosing e Miguel Rettenmaier (2010) recomendam a utilização de elementos visuais, porque a ilustração auxilia na contação de histórias para crianças e jovens, leitores em processo de formação. As ilustrações podem dar suporte à decodificação dos enunciados, fazendo assim com que esses jovens leitores tenham mais domínio e autonomia para se aventurarem pelo mundo dos livros.

Para que tal objetivo seja cumprido é importante organizar momentos próprios para a atividade que levem às crianças oportunidade de ouvir e contar histórias, que possibilitem ter contato com a trajetória cultural de sua própria região, bem como outras. Ao que compete ao campo literário/artístico, a contação de histórias é um artifício importante para a expressividade, conhecimento cultural

e sociológico da criança (SANTA CATARINA, 2020).

Com base no Currículo educacional de Santa Catarina, busca-se entender e abranger melhor o conceito de comunicação, tão trabalhado nos primeiros anos da vida escolar. Para além da fala e escrita, o foco nas expressões corporais e faciais se faz de importância ímpar para o estímulo à comunicação expressiva do aluno. Por tal motivo torna-se importante o incentivo às expressões da criança reservando ao professor a escuta e a percepção das manifestações dos alunos, garantindo-lhes o direito de interagir com sua cultura e objetos culturais, históricos e sociais (SANTA CATARINA, 2020).

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e suas diretrizes trazem para o ensino da Língua Portuguesa no início da escolarização de crianças, no que compete à contação de histórias e no campo de experiências de escuta, fala, pensamento e imaginação. Segundo a BNCC, do 3º ano ao 5º ano do ensino fundamental trabalha-se leitura e escuta (compartilhada e autônoma) do aluno com a finalidade de fazê-lo se apropriar e dominar objetos de conhecimento como decodificação e fluência de leituras e formação como leitor (BRASIL, 2020).

Compreendendo a necessidade do ler, ouvir histórias e manusear o livro, apresento na próxima sessão um pouco da Ilha do Campeche e sobre a construção dos recursos que foram utilizados para contar a história *“A Bela Ilha do Campeche”*.

3. CONTAR HISTÓRIAS E A CULTURA LOCAL: SOBRE A ILHA DO CAMPECHE

Figura 4: A Ilha do Campeche



Fonte: Leandro Amaral Fotos

A Ilha do Campeche, localizada na costa leste do município de Florianópolis no estado de Santa Catarina, foi tombada pelo IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) como Patrimônio Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico Nacional, em junho de 2000 (IPHAN, 2020)²². A Ilha do Campeche é aberta à visitação pública durante todo o ano.

Como atração principal podemos citar a praia de areia branca com

²² Informações coletadas no site do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/315>. Acesso em 22/11/2020

extensão de 1 km, água límpida e sítios arqueológicos (lugares onde se encontra vestígios de vida e da cultura material dos povos passado), possui inscrições rupestres e oficinas líticas.

Há diversos artefatos deixados pelos povos que viveram na Ilha há mais de três mil anos. As inscrições rupestres apresentam desenhos que lembram flechas e máscaras, alguns símbolos geométricos, também podendo ser encontradas ruínas de construções datadas em 1772 (IPHAN, 2020).

O IPHAN desempenha na ilha importante papel que vai além de cuidar e monitorar as trilhas e os sítios arqueológicos, monitorando e disponibilizando curso aos guias que trabalham na ilha, para que acompanhem os visitantes nas trilhas terrestres e subaquáticas passando as regras sobre a preservação que irá subsidiar o trabalho de educação ambiental e patrimonial aos turistas que visitam este lugar, bem como conscientização ecológica (IPHAN, 2020). A educação ambiental não tem uma idade mínima para contribuir na formação consciente sobre a preservação do meio ambiente, inclusive as crianças levam para o seu dia a dia os aprendizados vividos, e nada melhor que começar desde a educação infantil, colocando as crianças como parte integrante no meio em que vivem, e apresentar a Ilha do Campeche como mais um lugar a ser preservado. As futuras gerações já começam ao embarcar no barco falando da necessidade de cuidar do mar, de não poluir, de respeitar os períodos de pesca para as espécies marinhas terem tempo de se reproduzir estimulando a preservação destas. Chegando à ilha, nas trilhas terrestres pode-se abordar sobre os cuidados com o solo, com a vegetação, sobre as espécies de vegetação nativas e os animais existentes na ilha (IPHAN, 2020).

A Ilha é também reserva que abriga animais marinhos em períodos sazonais como baleias, lobos marinhos, tartarugas e pinguins. O acesso à ilha é possível pegando um barco na Barra da Lagoa, Praia do Campeche ou na Armação do Pântano do Sul, existe um limite máximo de visitação no verão de até 800 pessoas dia, com duração de trajeto de 10 minutos a 90 minutos (IPHAN, 2020). Na ilha há um morador, o Sr. Saulo (mais conhecido como Lageano), que possui residência lá, contando ainda com um restaurante que atende também os turistas.

A Associação dos Associados do Clube de Caça, Pesca e Tiro Couto de Magalhães, atual Associação Couto de Magalhães de Preservação da Ilha do

Campeche, que ocupa a ilha desde 1940, é também outro ponto a se ressaltar. A associação não é apenas uma unidade de preservação da natureza, mas uma associação de caça e pesca. A ilha era usada antes da década de 1980 para desossar as baleias, a fim de retirar a gordura para a produção de óleo que iria para a iluminação pública e outros manejos. Na década de 1960 foi proibida a caça à baleia em Florianópolis. Os associados levaram os quatis para a ilha, estes que não são nativos, introduzidos para serem caçados, na época em que a associação era de caça e pesca. Além de toda a beleza natural terrestre da Ilha do Campeche existe uma beleza ainda maior: a vida marinha que existe no seu entorno, pois com o costão submerso, existe um berçário marinho onde diversas espécies de animais marinhos e algas se criam fazendo ali um local com comida abundante para as espécies.

Optar por trazer a contação da história a partir de um lugar da cidade estimula a curiosidade para o local ou a familiaridade com o que já é conhecido, utilizando como estratégia de estímulo à leitura e da inclusão da cultura local para a formação da identidade das crianças. Para realizar a ação – contar história a partir da cultura local – buscamos nos aproximar de narrativas que trouxessem a história da Ilha do Campeche.

Em Santa Catarina tivemos na década de 1980 o Concurso de Histórias para a Infância Catarinense (1984-1985) e os textos classificados nas duas edições viraram livros e foram encaminhados para escolas e centros de educação infantil.

A primeira edição do Concurso ocorreu em 1984 e resultou na publicação de 20 livros, e a segunda edição aconteceu em 1985 e resultou em 11 livros, portanto, a coleção é constituída de 31 títulos. O Concurso foi promovido pela Comissão Interinstitucional Pró-Criança, coordenado pela Fundação Catarinense de Cultura (FCC) e patrocinado pela Liga de Apoio ao Desenvolvimento Social Catarinense (LADESC), que daria o nome à coleção. (MACHADO, 2019, p. 25)

Alguns dos títulos conversavam sobre aspectos da tradição de Santa Catarina, em particular, locais de Florianópolis, como: *A baleia da praia da Armação* (1984) e *Dorotéia e o vento sul* (1985), de Gladys Teive; *A lenda do peixe boi* (1985) de Fábio Bruggemann e Danuza Meneghello; *As traquinagens da tainha Troc* (1984) de Eduardo Saavedra, entre outros. Favorecendo ao leitor

essa aproximação com o lugar que habitam. No entanto, como já destacado, nenhuma trazia o lugar que queríamos focar.

Para entender o conceito de "lugar" recorreremos a Callai (2005), quando estabelecemos uma relação afetiva, de conhecimento, de medo, de amor, de reflexão, entre outras sensações e emoções sobre o espaço geográfico. E já quando nos referimos à paisagem, podemos dizer que esta é considerada uma herança, e segundo a mesma autora, seria aquilo que observamos no espaço geográfico, ou seja, os elementos, tais como morro, lagoa, civilização. Seria, então, o conjunto desses elementos, suas relações de criar formas, distinguindo diferentes espaços geográficos, como litoral, campo, cidade, entre outros espaços. A paisagem pode variar dependendo do ponto de vista do sujeito.

No que diz respeito à literatura relacionada à geografia, Lima (2000) destaca a importância da forma que o espaço é registrado, pois é realizado a partir da criatividade, mas centrada numa realidade, a partir de sua observação. "O conhecimento dos lugares, ainda que somente de modo conceitual, adquirido pela leitura das obras literárias, não deixa de ser uma forma de experienciar as diversas faces do espaço" (LIMA, 2000).

Estar inserido em um espaço e dele fazer parte afetivamente traz um elemento potencializador que pode levar o leitor a se relacionar de modo diferente com aquele espaço, quando já é conhecido, para Lima (2000), "[...] um escritor, ao situar os indivíduos ou uma coletividade no meio de uma região, consegue traduzir os seus valores, dando uma visão reveladora da vida do espaço e dos lugares circunscritos à mesma" (p. 11).

Apresentando a Ilha do Campeche de uma forma lúdica, apresentamos a história, o local, os povos que ali passaram no passado, às inscrições rupestres, os sítios arqueológicos, as oficinas líticas, as trilhas terrestres e aquáticas, os animais marinhos que ali vivem ou passeiam por ali, abordamos a preservação ambiental.

Mesmo a Ilha do Campeche sendo parte cultural local da cidade de Florianópolis, seu acesso pequeno aos moradores da cidade, devido à necessidade de transporte marítimo e o valor da travessia. Então, pensando no provável desconhecimento das crianças do que há na ilha e da própria ilha, a construção da maquete e dos elementos que representam as vidas, acesso, vegetação e cultura existentes levam aos ouvintes o conhecimento do que existe

no local ainda ignorado à maioria.

Para ilustrar melhor a experiência, será contado um pouco sobre a construção dos recursos para contar a história da Ilha do Campeche. Primeiro a história do livro, incentivando Yasmin e Isabela a participarem deste momento e ilustrarem o livro a partir do olhar que elas tinham da Ilha do Campeche naquele momento. A fim de enriquecer o momento da contação, foi sugerida a construção da maquete da Ilha, pois a maquete é a materialização do espaço como um todo.

Assim, foi pensado em criar os elementos (materiais concretos) que existem na Ilha, a inclusão dos personagens (ex: as baleias, os quatis, os peixes, tartarugas, polvos, estrelas do mar e outros) na maquete em formato real, auxiliando na transmissão das informações para as crianças que ainda não conhece esses elementos.

Figura 5: Dos fazeres: processo de criação da maquete da Ilha do Campeche



Fonte: Acervo particular da pesquisadora

A construção da maquete começou em outubro de 2017. Este elemento foi sugerido a partir da experiência de Elenyr de Souza, que viu uma contação de histórias sobre a ilha de Fernando de Noronha com a utilização de uma maquete,

quando viajou para a cidade, então foi pensado em fazer uma similar da Ilha do Campeche em menor escala.

Foi um processo trabalhoso que demandou muito empenho de todos os envolvidos. Começando com a construção da maquete, respeitando a realidade local e do espaço geográfico com base em imagens da Ilha, utilizando materiais que dariam efeitos resultando o máximo possível na semelhança com a real e, que, no entanto auxiliasse a imaginação. Utilizamos uma base de isopor em cima de uma base de madeira e utilizamos jornal, adesivos, cola, espumas, tintas para colorir, feltros, tecidos, barbante, argila, pedras e areia da praia. Contamos com a ajuda de Terik Souza de Paula, que fez as demarcações terrestres autorizadas pelo IPHAN com barbante, como ela já trabalhou de guia terrestre na ilha, e é socia da associação Couto de Magalhães, as demarcações ficaram verossímeis.

A elaboração e construção da maquete duraram mais ou menos vinte dias, pois a construímos no período da manhã e em alguns dias no período da noite, quando tínhamos disponibilidade de tempo. Para a construção dos elementos fizemos barcos de papel em dobradura (origami), e os elementos em feltro, um trabalho bem artesanal. Construímos elementos como: peixes, baleias, tartarugas, cavalos marinhos, golfinhos, estrela do mar, polvo, água-viva, quatis, e utilizei bonecas pequenas para serem as personagens.

Para a produção da maquete contamos com a participação e a colaboração de: Elenyr de Souza (mãe), Maysa Carvalho (amiga), Terik Souza de Paula (irmã, quem fez as demarcações das trilhas terrestres autorizadas pelo IPHAN), Ricardo Cirimbelli Búrigo (amigo da família, quem fez a baleia cinza) e Patricia Karia Rocha de Lima (quem fez os quatis e os polvos).

Figura 6: Elementos decorativos



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora

Demarca-se que foi importante as representações da fauna e flora local para que as crianças tivessem contato com a ideia do que existe na ilha, tornando a contação mais dinâmica e atrativa aos seus olhos.

Figura 7: Processo de criação da maquete da Ilha do Campeche



Fonte: Acervo particular da pesquisadora

Acreditamos que a manipulação de materiais concretos auxilia na

construção do conhecimento pelas crianças, fortalecendo a compreensão uma aprendizagem significativa e estimulante, pois a manipulação faz com que elas se sintam motivadas a interagir com o material e relacioná-lo com a história contada. Com a tecnologia hoje ao alcance das crianças, a interação com os eletrônicos e suas habilidades para acesso de alguns recursos digitais, a contação de histórias se torna um desafio em sala de aula, o professor pode se ver querendo o interesse das crianças para esse momento, tendo como possibilidades para a interação a criação de estratégias diversas como a utilização objetos (materiais concretos).

Figura 8: Maquete pronta



Fonte: Acervo particular da pesquisadora

Uma importante teórica que pesquisou os efeitos positivos no desenvolvimento das crianças pela estimulação de utilização de materiais concretos foi a médica Maria Montessori³. Afirmando sobre a importância da aprendizagem significativa para a criança por meios de materiais concretos, o método Montessori parte do pressuposto concreto para o abstrato, onde as crianças aprendem melhor pelas experiências e assim diferenciam as formas dos objetos e espaços com base nas estruturas lógicas e cognitivas (SALOMÃO, 2020).

Segundo Montessori (apud. SALOMÃO, 2020), a utilização destes materiais constitui-se como motor do aprendizado, impulsionando o desenvolvimento progressivo cognitivo e estímulos sensoriais essenciais ao desenvolvimento da criança, sem abrir mão do lúdico. O método Montessori consiste em observar o comportamento de crianças nos mais diversos ambientes e contextos. O objetivo é ajudar no desenvolvimento da vida da criança deixando-a aprender de maneira mais independente possível. Apesar de pouco difundido, percebe-se em diversas escolas resquícios do método, como por exemplo, estilo de mesas e cadeiras baixas, presença cada vez menor de castigos e punições, educação baseada em trabalhos sensoriais, importância do movimento na primeira infância, entre outros.

O ponto chave do método Montessoriano é ver a criança como construtora de sua própria humanidade, sendo agente ativo de seu próprio conhecer. Por isso objetiva-se a criança ser cada vez mais independente dos adultos (SALOMÃO, 2020). É importante dar autonomia à criança para que por si mesma ela faça o que acredita ser capaz de realizar sem interferências, por mais lento e limitado que seja o processo.

A partir do domínio da criança do mundo ao seu redor, esta precisará e almejará novos mundos, mundos distantes, diferentes, intocáveis. É através da imaginação que a criança acessa esses mundos, lendo, ouvindo histórias, cantigas ou até mesmo através do contato com o outro.

No contexto de interação com o outro, confrontos morais são mais que

³ Nascida em 31 de agosto de 1870, em Charavalle, Itália, Maria Tecla Montessori foi pedagoga e médica, criadora do método Montessori de ensino, pautado na formação integral da criança e adolescente (FRAZÃO, 2020).

comuns, pois para compreender novos mundos é preciso de um espaço que estimule o processo de análise e questionamento (SALOMÃO, 2020), algo que ainda pode não estar estabelecido nos primeiros anos escolar da criança, este confronto de realidades é importante. Segundo o método Montessoriano (SALOMÃO, 2020), as crianças são capazes de aprender sozinhas desde que tenham um ambiente adequado regado com estratégias possibilitando a autonomia das mesmas, e conseqüentemente o aprendizado através dos conflitos e da percepção de si mesmas, bem como do outro. Cabe ao professor a adequação desse ambiente e a mediação desse processo, interferindo o mínimo possível no decorrer.

Assim sendo a utilização de recursos, como materiais concretos, enriquecem as mais diversas formas de expressão, além de ter como objetivo auxiliar o reconhecimento do raciocínio lógico de uma forma lúdica.

Eliane Debus (2006) destaca em *Festaria de brincança*, a importância da utilização de recursos, e com esses recursos ela nos traz os contos desenhados, os contos que as caixas contam, o avental, as formas animadas, dobraduras/origamis, os recursos audiovisuais, o retroprojetor, no meu caso estou utilizando a maquete como recurso no presente trabalho.

4. QUANDO O LIVRO VIRA LIVRO VIVO

A experiência particular de contar histórias em uma escola foi em 2018 quando minha filha mais nova Isabela, estava cursando o primeiro ano do ensino fundamental I, e estava fazendo uma atividade escolar sobre lugares da ilha de Florianópolis (SC). A turma é de uma escola da rede particular de ensino, formada de 25 alunos, sendo 14 meninas e 11 meninos. Foi concedida a autorização pela professora regente da turma para levar o livro: *A Bela Ilha do Campeche*, e compartilhar com a turma.

A BELA ILHA DO CAMPECHE

MARIA HELENA SOUZA DE
PAULA

NARRAREMOS AQUI UM PASSEIO DE GRANDE DESCOBERTAS DE DUAS MENINAS: A YASMIN DE NOVE ANOS E DA ISABELA DE CINCO ANOS.

ELAS, JUNTO COM SUA FAMÍLIA, FORAM CONHECER A ILHA DO CAMPECHE. VENHAM COM ELAS NESSA AVENTURA!

A ILHA DO CAMPECHE ESTÁ LOCALIZADA NA COSTA LESTE DA ILHA DE FLORIANÓPOLIS, EM SANTA CATARINA, BRASIL.

O PASSEIO É DE BARCO!

APÓS EMBARCAREM, TODOS COLOCARAM COLETE SALVA-VIDAS POR SEGURANÇA.

ALI ELAS JÁ COMEÇARAM AS AVENTURAS EM ALTO MAR ATÉ CHEGAR A ILHA, QUE DE LONGE PARECIA BEM PEQUENA, MAS CHEGANDO PERTO, VIRAM QUE ESTAVAM ENGANADAS E QUE A ILHA ERA MAIOR DO QUE PENSAVAM.

NA ILHA FORAM RECEBIDAS PELOS GUIAS QUE LÁ TRABALHAM.

ELES ENSINARAM SOBRE A IMPORTÂNCIA DE CUIDAR DA ILHA, DE NÃO ALIMENTAR OS ANIMAIS QUE MORAM ALI, NÃO RECOLHER AS PLANTAS NATIVAS E OUTRAS INFORMAÇÕES.

O GUIA COMEÇOU A FALAR SOBRE O QUE PODERIA SER CONHECIDO NAQUELE DIA, DISSE DAS TRILHAS TERRESTRES E QUE ALGUMAS LEVAVAM A ALGUMAS INSCRIÇÕES RUPESTRES.

A YASMIN LOGO PERGUNTOU:

- O QUE SÃO INSCRIÇÕES

RUPESTRES? ELE RESPONDEU:

- AS INSCRIÇÕES RUPESTRES SÃO DESENHOS QUE LEMBRAM FLECHAS, MÁSCARAS, SÍMBOLOS GEOMÉTRICOS FEITOS EM PEDRAS QUE EXISTEM NA ILHA E QUE SÃO VESTÍGIOS DE POVOS DO PASSADO QUE VIVERAM OU PASSARAM PELA

ILHA.

E TODA A FAMÍLIA QUIS IR CONHECER AS INSCRIÇÕES RUPESTRES. CONHECERAM TAMBÉM AS OFICINAS LÍTICAS, QUE SÃO MAIS UMA EVIDÊNCIA DA EXISTÊNCIA DOS POVOS DO PASSADO.

ESSAS OFICINAS LÍTICAS SÃO MARCAS CIRCULARES FEITAS NAS PEDRAS.

O GUIA TAMBÉM EXPLICOU QUE ALI NASCEU UMA ASSOCIAÇÃO DE CAÇA, PESCA E TIRO, EM 1940, E ESSA ASSOCIAÇÃO LEVOU PARA A ILHA ALGUNS QUATIS.

ATUALMENTE ESSA MESMA ASSOCIAÇÃO SE TRANSFORMOU EM UMA ASSOCIAÇÃO DE PRESERVAÇÃO DA ILHA DO CAMPECHE E QUE TAMBÉM AJUDA NO CUIDADO A ILHA.

ELE INFORMOU QUE A LINDA ILHA FOI TOMBADA PELO IPHAN COMO PATRIMÔNIO ARQUEOLÓGICO, ETNOGRÁFICO E PAISAGÍSTICO NACIONAL NO ANO DE 2000.

O IPHAN CUIDA E MONITORA A ILHA COORDENA O CURSO DE CAPACITAÇÃO DOS GUIAS PARA RECEBEREM OS TURISTAS NAS TRILHAS TERRESTRES E SUBAQUÁTICAS.

A ISABELA DESCOBRIU QUE ELA É UMA TURISTA NA ILHA E QUE TURISTAS SÃO PESSOAS QUE QUEREM CONHECER A ILHA OU VOLTAR A PASSEAR NESSE LUGAR PARADISIACO. ATUALMENTE, AS PESSOAS VÃO PARA A ILHA DE BARCOS QUE SAEM DA PRAIA DA ARMAÇÃO DO PÂNTANO DO SUL, DA PRAIA DO CAMPECHE, DA PRAIA DA BARRA DA LAGOA E POR BARCOS PARTICULARES.

AS MENINAS DESCOBRIRAM TAMBÉM QUE ALÉM DOS HUMANOS A ILHA RECEBE OUTROS VISITANTES: BALEIAS E SEUS FILHOTES, TARTARUGAS, CAVALOS MARINHOS, ÁGUAS – VIVAS, VÁRIAS ESPÉCIES DE PEIXES E OUTRAS ESPÉCIES MARINHAS.

E QUE TODOS ESSES ANIMAIS MARINHOS UTILIZAM A ILHA DO CAMPECHE COMO UM BERÇÁRIO, POIS EXISTE UM COSTÃO SUBMERSO, ONDE VÁRIAS ESPÉCIES DE ALGAS SE RECRIAM, FAZENDO ALI UM LOCAL ABUNDANTE DE COMIDA PARA ESSES ANIMAIS.

AS PESSOAS QUE VISITAM A ILHA DO CAMPECHE PODEM FAZER MERGULHOS SUBAQUÁTICOS E CONHECER TODA ESSA BELEZA MARINHA.

AS PESSOAS SÓ PODEM OLHAR ESSAS BELEZAS, PARA NÃO MODIFICAR O AMBIENTE DESSES ANIMAIS.

AS MENINAS AMARAM O DIA QUE PASSARAM NA ILHA E PROMETERAM VOLTAR UMA PRÓXIMA VEZ!

*DEPOIS DO PASSEIO DESTE LIVRO, O QUE VOCÊ MAIS GOSTOU? DESENHE AQUI PARA DEIXAR REGISTRADO.

O texto vem acompanhado de um paratexto em forma de Glossário, para melhor compreensão pelas crianças de alguns vocábulos.

GLOSSÁRIO:

LUGAR PARADISIACO: UM LUGAR QUE LEMBRA O PARAÍSO; MUITO AGRADÁVEL: ENCANTADOR.

INSCRIÇÕES RUPESTRES: È O TERMO QUE DENOMINA AS REPRESENTAÇÕES ARTÍSTICAS PRÉ-HISTÓRICAS REALIZADAS EM PAREDES, TETOS E OUTRAS SUPERFÍCIES DE CAVERNAS E ABRIGOS ROCHOSOS, OU MESMO SOBRE SUPERFÍCIES ROCHOSAS AO AR LIVRE.

OFICINAS LÍTICAS: SÃO SÍTIOS LOCALIZADOS EM ROCHAS FIXAS (SUPORTE), CUJAS EVIDÊNCIAS DE AÇÃO HUMANA SÃO CONJUNTOS DE SULCOS (AMOLADORES) E DEPRESSÕES CIRCULARES (BACIAS), RESULTANTES DA FRICÇÃO DE ROCHAS MÓVEIS DURANTE O PROCESSO DE CONFECÇÃO DE ARTEFATOS LÍTICOS.

TRILHAS SUBAQUÁTICAS: É UM PASSEIO DENTRO DA ÁGUA.

TRILHAS TERRESTRES: É UM CAMINHO OU UMA ESTRADA DE PASSEIO TERRESTRE USADO PARA CAMINHADAS AO AR LIVRE.

Para a contação da história, foi importante chegar antes do horário da aula, organizar a sala, colocando as carteiras e cadeiras ao fundo da sala e a maquete no meio do espaço vazio, em cima de um pano azul, para durante a contação sugerir que o pano azul fosse o oceano; foi coberta a maquete e o pano azul com outro tecido, este de cor amarela, e deixado todos os elementos dentro de uma caixa encapada, aguardando a chegada das crianças. Quando entraram na sala de aula, não entenderam o que estava acontecendo e começaram a ficar eufóricos, então a professora da turma disse que a mãe da Isabela iria contar uma história para eles, e passou a voz. As crianças já conheciam, a mãe da Isabela, sua colega de sala, mas foi interessante uma nova apresentação e explicação do motivo de estar ali para contar uma história sobre um lugar de Florianópolis. As crianças foram convidadas para que se sentassem no chão ao redor daquele pano que estava cobrindo algo para conhecer a história, até então elas não

sabiam o que tinha ali.

Ao descobrir a maquete, as crianças ficaram agitadíssimas. Foi-lhes apresentado o nome do livro, bem como quem havia o escrito, também foi explicado que a amiguinha deles, Isabela, junto à sua irmã Yasmin, desenharam todas as imagens do livro. Só após esse momento de apresentações foi iniciado a contação da história. Junto à leitura das páginas, era mostrado as imagens do livro e incluídos os elementos.

Constatou-se que as crianças ficaram fascinadas pelos elementos que foram sendo incluídos na maquete enquanto a história se desenrolava, esses elementos materializam o que estava sendo narrado, proporcionando às crianças melhor entendimento e percepção da história. Como destaca Sisto (2012).

Se uma história, ainda que uma forma velada e subliminar, ensina sempre, ela também ensina questões éticas e culturais, relevantes para qualquer indivíduo. E isso, nosso ofício de contadores pode e sabe executar bem. E nossas escolhas também devem ser criteriosas o suficiente, ao ponto de ajudar a promover o respeito, principalmente aos direitos humanos, ao meio ambiente e às questões de gênero. Contar história é sempre um elemento integrador e socializador (p. 11).

Ao longo da contação tiveram crianças que interagiram e falaram suas experiências e seus sentimentos como: “- nunca andei de barco”. Para as crianças ouvirem sobre essa história local foi bem interessante, uma criança falou: “- Vou pedir para meu pai me levar também”, “- Bela, lá é legal”.

Com os dizeres das crianças se constata que a vontade delas em conhecer e viver a história que foi contada e o desejo de que aquele passeio a Ilha do Campeche virasse realidade para eles. É nesse momento que a criança pode demonstrar emoções, expressões e se sente livre para externalizar sentimentos, possibilitando ao professor maior interação com seu aluno, conquistando-o para o gosto pelo livro e literatura (SILVA, 2018, p. 214).

Concordando com Debus (2006) quando afirma que:

[...] Tanto o ato de ler como o ato de contar requer do professor um conhecimento prévio do texto e um planejamento que conquiste o leitor para o momento de troca entre narrar e ouvir. Essa atividade exige determinado número de estratégias que viabilizem a cumplicidade entre narrador e o leitor-ouvinte. O professor deve estar sensibilizado para sensibilizar, seduzido para seduzir, daí que a escolha da história a ser narrada tem de apaixonar primeiramente o narrador (p. 76).

Entendemos que na oralidade transmitimos esse entusiasmo pelas histórias, fazendo assim o ato da contação de histórias um momento encantador para as crianças e não uma obrigação escolar.

O exercício de contar histórias é desde tempos longínquos um artifício de cunho educativo também. Dentro do ambiente escolar, a contação de história pode ser um meio pelo qual o educador (a) passa algum ensinamento. Até mesmo de forma interdisciplinar, como pode ser visto mais adiante, adentrando outras áreas de estudo, interagindo assim com as matérias que as crianças têm contato no dia a dia escolar.

A experiência da contação foi bastante enriquecedora, não apenas para fins acadêmicos, mas como vivência pessoal. Pode-se constatar na prática muito do que a teoria dizia. A intenção para este TCC era fazer uma nova contação desta história para crianças dos anos iniciais, e detalhar com mais riqueza, as reações, interações e envolvimento delas, porém devido à pandemia do COVID-19, que resultou no cancelamento das aulas presenciais nas escolas públicas e particulares, não foi possível realizar esta segunda contação para crianças na escola.

Utilizando esse tema da contação da história da Ilha do Campeche pode-se, em sala de aula, trabalhar a interdisciplinaridade com as crianças. Não foi possível fazer isso naquela ocasião, pois trabalhar para interdisciplinaridade em sala de aula é necessário um plano de aula, ou projeto didático para um semestre ou mais tempo, porém acredito que com um título (o livro) norteador se pode abrir novas possibilidades para encantar e envolver os alunos em todas as disciplinas.

Em seguida, refletiu-se sobre algumas sugestões de possibilidades de como dar vida ao livro e enriquecer as aulas, possibilitando os alunos uma maior interação no processo escolar desenvolvendo e estimulando o pensamento lógico, criativo e crítico:

- Na disciplina de Língua Portuguesa é possível trabalhar as letras, os sons sonoros das palavras, verificar os significados das palavras;
- Na disciplina de Geografia o conhecimento do território, do solo, da vegetação, além do lugar, da paisagem, do trajeto;
- Na disciplina de História se pode estudar sobre a cultura local

adquirida, os povos passados que ali viveram, as inscrições rupestres, os sítios arqueológicos, as oficinas líticas;

- Na disciplina de Ciências apropria-se de conhecimentos sobre os animais ali existentes, tanto os terrestres quanto os marinhos, como eles vivem, a vegetação, clima e solo;
- Na disciplina de Matemática se quantifica, classifica, sequência, corresponde e utiliza o senso espacial, o geométrico, além de utilizar as quatro operações matemáticas.

A interação entre as disciplinas é importante para a assimilação dos conteúdos estudados em todas as matérias que a criança tem contato ao decorrer de sua vida escolar. A progressão do aprendizado se dá pela interseccionalidade das matérias, trazendo para a realidade da criança diversos fatores aprendidos em aula.

Ao longo do Ensino Fundamental – Anos Iniciais, a progressão do conhecimento ocorre pela consolidação das aprendizagens anteriores e pela ampliação das práticas de linguagem e da experiência estética e intercultural das crianças, considerando tanto seus interesses e suas expectativas quanto o que ainda precisam aprender. Ampliam-se a autonomia intelectual, a compreensão de normas e os interesses pela vida social, o que lhes possibilita lidar com sistemas mais amplos, que dizem respeito às relações dos sujeitos entre si, com a natureza, com a história, com a cultura, com as tecnologias e com o ambiente. (BRASIL, 2020, p.59)

A interação entre as disciplinas auxilia no rendimento escolar, dando à criança mais elementos para explorar em outras disciplinas. Não são incomuns momentos em que o aluno leva conhecimentos de uma matéria para a outra a fim de associar e assimilar melhor os conteúdos.

Para além das ações interdisciplinares, a contação da história, por si só, agrega vários conhecimentos e possibilidades. As crianças estavam empolgadas e deslumbradas com a maquete justamente por poder deixar suas imaginações flutuar pela maquete sonhando como possivelmente é o local realmente.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A arte de contar história é uma herança milenar deixada por antepassados em épocas distintas, é um bem cultural de extrema importância para entendermos como funcionava e ainda funcionam diversos aspectos de nossas sociedades. Através dela podemos passar ensinamentos valiosos, envolver adultos e crianças em minutos ou horas de imaginação e magia. Quando possibilitamos esse momento no ambiente escolar, resignificamos o espaço, deixando alunos e professores à vontade, mais próximos, abrimos espaço para a expressão dos indivíduos envolvidos.

Usar objetos além da voz ajuda na imersão da criança ao escutar uma história, pelo contato com a concretude do que está sendo contado. Ao escolhermos uma maquete como recurso para concretizar os elementos da história, mostramos de maneira prática e visual um pouco da Ilha do Campeche, local que muitos ali já ouviram falar, ou até mesmo tiveram contato com, mas que estando bem à suas frentes de maneira tão palpável lhes confere proximidade e imersão com a história através da Ilha.

O livro *A bela Ilha do Campeche* foi outra ferramenta muito importante para a construção deste momento. Desde o momento de sua feitura, ainda em casa com a ajuda e interação de Yasmin e Isabela, até o contato com os alunos em sala de aula. Todo processo instigou e enriqueceu não apenas nossas visões de mundo como agregou ao conhecimento local e cultural das crianças que ouviram e tiveram contato com a história. Instigando a vontade de ter acesso e conhecer por si mesmas as aventuras que podem viver, como na história contada.

A contação de histórias tem diversas facetas e inúmeras maneiras de ser efetuada, desde que tenha alguém para ouvir o que o contador tem a contar. Seja de baixo de uma árvore, seja em um belíssimo anfiteatro, o momento de contação de história é a conexão entre quem conta e quem ouve através das palavras, antes proferidas por ancestrais e povos antigos.

Além da riqueza cultural, a contação de história pode ser porta de entrada para a formação de futuros leitores. Através do contato da criança com a história, posteriormente com o livro, pode-se adquirir nesse momento afeto e interesse pela literatura. Quando envolvemos e damos espaço para a criança se expressar

ela se sente à vontade para explorar e se permitir. O aprendizado se estabelece a partir do toque, da visão, da curiosidade em saber mais. É direito da criança ter acesso aos objetos da cultura e a viabilização de um espaço e momento propício a isso é dever da escola.

Local e tempo para contação de história são pontos importante quando pensamos na arte de narrar, mas tão importante quanto é a preparação do contador, seja ele professor (a) ou uma pessoa específica para exercer o ofício. Há uma série de artifício e técnicas para que o narrar seja bem executado e efetivo. Todos os elementos, livro, voz, cenário, figurino, maquetes ou fantoches, são essenciais para trazer a criança para a imersão na história, para que ela se sinta parte do momento e tenha expressividade sempre que necessário.

Tendo todos estes aspectos em mente, foi possível constatar, através da experiência e prática de produzir o livro e a maquete ,que a concretude do que antes era abstrato às crianças gerou curiosidade e interesse nas mesmas. É notório como as crianças interagem com as informações expressando suas opiniões e comentários livremente quando lhes é dado o espaço para tais colocações fora do contexto tradicional de aula.

Infelizmente, por decorrência do surto pandêmico da COVID-19, não foi possível dar continuidade com o projeto de contar histórias em sala de aula, visto que foram suspensas as atividades escolares como medida preventiva contra o vírus. Em tempos de isolamento ou distanciamento social é mais do que nítido a importância em manter a criança em contato com os livros e as histórias contadas. É um momento delicado para todos, mas é nos pequenos que o efeito pode ser mais devastador.

Criança deve estar em contato com outras crianças, o processo de interação entre pares amplia possibilidades de aprendizagem e conhecimentos; porém o processo de distanciamento social propiciou às crianças aulas mediadas em ambientes especializados para tal, vendo seu lar como local de descanso e descontração; mas sim o local onde as aulas acontecem, onde os alunos se veem em aulas online, onde as tarefas são realizadas e onde o conhecimento escolar passa a circular. A contação de histórias pode ajudá-los passar por este período como ajuda na escola a assimilar conteúdos às suas realidades além dos muros da escola.

São tempos de apreensão e cuidados. Pode ser duro para todos os

envolvidos, mas como visto, a contação de histórias pode ser um forte aliado para manter a criança em constante aprendizado. Não precisa de muito para isso, uma boa história, aquela que sua avó costumava contar na sala quando faltava luz, ou aquela experiência que viveram em família, pode ser reavivada na voz de um contador e pode virar uma fonte de aprendizado e conhecimento para a criança nesses momentos delicados. Que maravilha aos filhos ouvir causos da infância dos pais ou avós, ou deles mesmos ou dos irmãos quando crianças. Basta dar voz à imaginação e fazer fluir, surgir e nascer uma nova história. Basta contar.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Consulta Pública. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2020. Disponível

em:

[http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC EI EF 110518_versaofinal_sit_e.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_sit_e.pdf). Acesso em 21/11/2020

BRASIL. **Lei no 8.069, de 13 de julho de 1990**. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 16 jul. 1990. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L8069.htm#art266>. Acesso em: 20/11/2020

BRASIL. **Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**. Patrimônio Arqueológico – SC. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/315>. Acesso em: 22/11/2020.

BRUGGEMANN, Fábio; MENEGHELLO, Danuza. **A lenda do peixe boi**. II. Zito. Florianópolis: LADESC, 1985.

CALLAI, Helena Copetti. **Aprendendo a ler o mundo: a geografia nos anos iniciais do ensino fundamental**. Cad. Cedes, Campinas, vol. 25, n. 66, p. 227-247, maio/ago. 2005. Disponível

em:

<http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v25n66/a06v2566.pdf>. Acesso em: 14/07/2020.

DEBUS, Eliane. **Festaria de Brincança: a leitura literária na educação infantil**. Coleção pedagogia e educação. São Paulo, 2006.

FRAZÃO, Dilva. **Maria Montessori: Pedagoga italiana**. Disponível em: https://www.ebiografia.com/maria_montessori/. Acesso em: 12/11/2020.

GIRARDELLO, Gilka. **Imaginação: arte e ciência na infância**. Pro-Posições, Campinas, v. 22, n. 2 (65), p. 75-92, maio/ago. 2011.

GIRARDELLO, Gilka. **Uma clareira no bosque: Contar histórias na escola**. – Campinas, SP. Papyrus, 2014.

LIMA, Solange Terezinha de. Geografia e literatura: alguns pontos sobre a percepção de paisagem. **Geosul**, Florianópolis, v.15, 0.30, p 7-33, jul./dez. 2000.

Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/geosul/article/view/14190>.

Acesso em: 20/11/2020.

MACHADO, Thayse da Costa. **A produção literária para crianças em Santa Catarina** : a história de um concurso. Dissertação de Mestrado. Florianópolis: UFSC, 2019.

OLIVEIRA, Evandro de; ALVES, Adilson Francelino. Uma Análise Literária sobre o Conceito de Cultura. Revista Brasileira de Educação e Cultura – ISSN 2237-3098 Centro de Ensino Superior de São Gotardo. Número XI, jan-jun 2015. Trabalho 01 pág. 01-18

ORTIZ, Estrella. **Ler, interpretar, recriar...** In. GIRARDELLO, Gilka. **Baús e chaves da narração de histórias**. Florianópolis: SESC /SC, 2004.

ROSA, Edson. **Abate de baleias para extração do óleo ocorreu até 1960 em praias de Florianópolis.** Disponível

em:

<<https://ndonline.com.br/florianopolis/noticias/abate-de-baleias-para-extracao-do-oleo-ocorreu-ate-1960-em-praias-de-florianopolis#>> Acesso em: 15/08/2020.

SAAVEDRA, Eduardo. **As traquinagens da tainha Troc**. II. Nice. Florianópolis: LADESC, 1985.

SALOMÃO, Gabriel. **Lar Montessori**: a educação como uma ajuda à vida. Maria Montessori. Disponível em: <<https://larmontessori.com/maria-montessori/>> Acesso em: 07/09/2020

SANTA CATARINA, **Currículo Base do Território Catarinense**. Disponível em: <http://www.cee.sc.gov.br/index.php/downloads/documentos-diversos/curriculo-base-do-territorio-catarinense>. Acesso em 12/11/2020.

SHEDLOCK, Marie L. **Da introdução de A arte do contador de histórias**. In GIRARDELLO, Gilka. Baús e chaves da narração de histórias. Florianópolis: SESC /SC, 2004.

SILVA, Liliane Alves da. **A Roda de Histórias**: pelo direito de viver a infância no Colégio de Aplicação- UFSC. Dissertação (Mestrado) - Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Ciências Humanas e da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Florianópolis, 2018.

SIMMS, Laura. **Através do terror de história**. In GIRARDELLO, Gilka. Baús e chaves da narração de histórias. Florianópolis: SESC /SC, 2004.

SISTO, Celso. **Textos & pretextos sobre a arte de contar histórias**. 3. Ed. rev. E ampl. – Belo Horizonte. Aletria, 2012.

TEIVE, Gladys M. G. **A baleia da praia da Armação**. II. Astrid Munch. Florianópolis: LADESC, 1985.

TEIVE, Gladys M. G. **Doroteia e o vento sul**. II. Nice. Florianópolis: LADESC, 1988.

_____. **Ilha do Campeche tem uma das águas mais cristalinas do litoral catarinense**. Disponível em:

<<http://zh.clicrbs.com.br/rs/vida-e-estilo/viagem/noticia/2016/02/ilha-do-campeche-tem-uma-das-aguas-mais-cristalinas-do-litoral-catarinense-4975717.html>> Acesso em: 15/08/2020.

_____. **Fototeca Pinturas, Gravuras e Inscrições Rupestres**. Disponível em:

<<http://portal.iphan.gov.br/fototeca/detalhes/35>> Acesso em: 15/08/2020.

_____. **Patrimônio Arqueológico**. Disponível em:

<<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/315>> Acesso em: 15/08/2020.

_____. **Sítio Arqueológico**. Disponível em:

<<http://www.portalsaofrancisco.com.br/geografia/sitio-arqueologico>> Acesso em: 15/08/2020.